

A presente edição segue a grafia do novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016
Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © Maurice Druon e Éditions Mondiales 1955

Título original: *Les Rois Maudits – Les Poisons de la Couronne*
Título: *Os Reis Malditos – Os Venenos da Coroa*
Autor: Maurice Druon
Tradução: Helena Ramos
Direitos de tradução cedidos por Círculo de Leitores
Revisão: Silvina de Sousa
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Capa: Épica Prima/Marcador Editora
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-135-3
Depósito legal: 414 113/16

1.ª edição: setembro de 2016

Faço questão de renovar aqui o meu vivo reconhecimento aos meus colaboradores Pierre de Lacreteille, Georges Kessel, Christiane Grémillon, Madeleine Marignac, Gilbert Sigaux e José-André Lacour, pelo apoio precioso durante a elaboração deste volume; agradeço igualmente aos serviços da Biblioteca Nacional e dos Arquivos Nacionais a ajuda indispensável à nossa investigação.

M. D.

TOMO I

OS VENENOS DA COROA

«A história é sempre uma ciência conjectural.»

DANIEL-ROPS

PRÓLOGO

Filipe, *o Belo*, deixara a França na posição de primeira nação do mundo ocidental. Sem recorrer a guerras de conquista, mas sim através de negociações, casamentos e transações de diferentes tipos, aumentara consideravelmente o território, ao mesmo tempo que se empenhara de forma constante em centralizar e reforçar o Estado. Contudo, as instituições administrativas, financeiras, militares e políticas com que quisera dotar o reino, e que, para a sua época, nos parecem muitas vezes revolucionárias, não estavam suficientemente ancoradas nos costumes e na história para poderem perpetuar-se sem intervenção pessoal de um monarca forte.

Seis meses depois da morte de Filipe, *o Belo*, a maior parte das suas reformas parecia já destinada ao desaparecimento e os seus esforços ao esquecimento.

O seu filho e sucessor, Luís X, *o Teimoso*, confuso, medíocre e incompetente, ultrapassado pela sua missão desde o primeiro dia de reinado, apressou-se a alijar a responsabilidade de governar sobre o seu tio Carlos de Valois, bom soldado, mas governante detestável, cujas turbulentas ambições, muito tempo concentradas na vã busca de um trono, encontravam finalmente um escape.

Os ministros burgueses, que haviam constituído a força do reinado precedente, acabavam de ser feitos prisioneiros, e o corpo do mais notável de todos, Enguerrand de Marigny, antigo reitor-geral do reino, apodrecia na ponta de uma corda no cadafalso de Montfaucon.

A reação triunfava; as ligas dos barões semeavam a desordem nas províncias e punham em xeque a autoridade real. Os grandes senhores, com Carlos de Valois à cabeça, cunhavam a própria moeda, que punham em circulação para benefício pessoal. A administração, deixando de se sentir controlada, começa a pilhar por conta própria, enquanto o Tesouro estava vazio.

Uma colheita desastrosa, seguida de um inverno excepcionalmente rigoroso, provocara a fome. A mortalidade crescia.

Durante todo este tempo, a principal preocupação de Luís, *o Teimoso*, era reparar a honra conjugal e fazer esquecer, se tal fosse possível, o escândalo da Torre de Nesle.

À falta de um papa, que o conclave se mostra incapaz de eger, e que teria podido pronunciar a anulação do casamento, o jovem rei de França, com o objetivo de voltar a casar-se, manda estrangular a mulher, Margarida de Borgonha, na prisão de Château-Gaillard.

Ficava assim livre para se casar com a bela princesa de Anjou-Sicília, que Carlos de Valois lhe escolhera, e com quem sonhava vir a partilhar a felicidade de um longo reinado.

PRIMEIRA PARTE

A FRANÇA ESPERA
UMA RAINHA

O ADEUS A NÁPOLES

De pé, com um vestido inteiramente branco, junto de uma das janelas do enorme Castel Nuovo, de onde a vista dominava o porto e a baía de Nápoles, a velha rainha-mãe, Maria da Hungria, observava um navio que estava a ser aparelhado. Limpando com um dedo áspero a lágrima que molhava a sua pálpebra sem pestanas, murmurou:

— Agora já posso morrer.

Tivera uma vida preenchida. Filha de rei, mulher de rei, mãe e avó de reis, instalara os seus descendentes nos tronos de grande parte da Europa Meridional e Central. Todos os seus filhos ainda vivos eram ou reis ou duques reinantes. Duas das filhas eram rainhas. A sua fecundidade fora um instrumento de poder dos Anjou-Sicília, o ramo mais jovem da árvore dos Capetos, que parecia querer tornar-se tão grosso como o tronco principal.

Embora Maria da Hungria já tivesse perdido seis filhos, pelo menos tinha a consolação de um deles, que professara, estar prestes a ser canonizado. Seria mãe de um santo. Como se os reinos deste mundo se tivessem tornado demasiado pequenos para esta família tentacular, a velha rainha impelira a sua prole até ao reino do Céu.

Com mais de setenta anos, só lhe faltava assegurar o futuro de uma das netas, Clemência, a órfã. Mas agora também o conseguira.

O enorme navio que levantava âncora no porto de Nápoles nesse dia, 1 de junho de 1315, com um sol radioso, representava simultaneamente, aos olhos da rainha de Nápoles, o triunfo da sua política e a melancolia das missões cumpridas.

Isto porque para a sua amada Clemência, uma princesa de vinte e dois anos sem qualquer dote territorial e cuja riqueza era constituída apenas pela sua reputação de beleza e de virtude, negociara a mais alta das alianças, o mais prestigiado dos casamentos. Clemência seria rainha de França. Assim, a mais destituída das princesas de Anjou receberia o mais poderoso dos reinos e tornar-se-ia suserana de todos os seus familiares. O que parecia uma ilustração dos ensinamentos evangélicos.

É verdade que se dizia que o jovem rei de França, Luís X, não era muito sedutor de aspeto nem dos mais dotados quanto ao carácter.

«E isso que importância tem?! O meu marido, que Deus tenha, era coxo, e não me dei mal com ele», pensava Maria da Hungria. «Além disso, não é para sermos felizes que somos rainhas.»

Corria também, à boca fechada, um certo falatório em relação à morte da rainha Margarida, na prisão, precisamente quando o rei Luís encontrava dificuldades em obter a anulação do casamento. Mas para quê dar ouvidos a tudo o que se diz? Maria da Hungria não se sentia inclinada à compaixão por uma mulher, ainda por cima rainha, que traíra os laços conjugais. Não via nada de surpreendente em que o castigo de Deus se tivesse abatido naturalmente sobre a escandalosa Margarida.

«Com a minha bela Clemência, a virtude voltará a reinar na corte de Paris», disse ainda consigo mesma.

Como se de um adeus se tratasse, fez, com a sua mão cinzenta, um sinal da cruz que atravessou a luminosidade que a rodeava. Em seguida, com o rosto sacudido por tiques sob o véu imaculado, com o andar rígido, mas decidido, foi encerrar-se na capela a fim de aí agradecer ao Céu por a ter ajudado a cumprir a sua demorada missão real e para oferecer ao Senhor o longo sofrimento das mulheres que cumpriram o seu tempo sobre a Terra.

Entretanto, o *San Giovanni*, um enorme veleiro com casco branco e dourado e arvorando nas velas as flâmulas de Anjou, da Hungria e de França, começava a manobrar para se afastar do porto.

O capitão e os tripulantes tinham jurado sobre o Evangelho defender os seus passageiros contra a tempestade, os piratas do Norte de África e todos os perigos da navegação. A imagem de São João Batista, protetor do navio, brilhava à proa sob os raios do Sol. Nos castelos, com seteiras, a meia altura dos mastros, cem homens de armas, vigias, besteiros, lançadores de pedras, estavam a postos para repelir os piratas,

se por acaso estes se atrevessem a atacar o navio. Os porões transbordavam de víveres. As ânforas de azeite e de vinho estavam enterradas na areia do lastro, onde tinham sido igualmente enterradas centenas de ovos para que se conservassem frescos. As grandes arcas onde eram transportados os vestidos de seda, as joias e outros objetos preciosos e todas as prendas de casamento da princesa estavam empilhadas contra as paredes de uma enorme sala apertada entre o mastro principal e a popa, e onde dormiriam, sobre tapetes do Oriente, os fidalgos e os cavaleiros de escolta.

Os napolitanos acotovelavam-se no cais para ver partir aquele que lhes parecia ser o navio da felicidade. As mulheres erguiam os filhos acima das cabeças. Entre a multidão, ruidosa e familiar, como o povo de Nápoles sempre foi, ouvia-se gritar:

- *Guarda com'è bella!*
- *Addio, Donna Clemenza! Siate felice!*
- *Che Dio la bendita la nostra principesca!*
- *Non vi dimenticate di noi!**

Isto porque, para os napolitanos, dona Clemência era uma espécie de lenda. Na cidade, o seu pai continuava a ser recordado, o belo Carlos Martel, herdeiro de Nápoles e da Hungria, amigo de poetas e, em particular, de Dante, príncipe erudito, músico, excelente no uso das armas, que percorria a península, seguido de duzentos fidalgos franceses, provençais e italianos, todos vestidos como ele, de escarlate e verde-sombrio, e montados em cavalos com arreios de prata. Diziam-no «filho de Vénus», já que era possuidor dos «cinco dons que convidam ao amor, e que são a saúde, a beleza, a opulência, o lazer e a juventude». Fora fulminado pela peste, aos vinte e quatro anos. A mulher, uma princesa de Habsburgo, morrera ao saber a notícia, oferecendo assim um mito trágico à imaginação popular.

Nápoles passara a dedicar a sua ternura a Clemência, que ao crescer se ia assemelhando cada vez mais ao pai. Esta órfã da família real era muito querida nos bairros mais pobres, onde ia pessoalmente distribuir as suas esmolas. Os pintores da escola de Giotto reproduziam nos frescos o seu rosto sereno, os seus cabelos dourados e as suas longas mãos delicadas.

* — Vejam como é bela!

— Adeus, senhora Clemência! Que sejais feliz!

— Que Deus abençoe a nossa princesa!

— Não nos esqueçais!

Do alto da plataforma formada pelo teto do castelo de popa, trinta pés acima da água, a noiva do rei de França lançava o último olhar à paisagem da sua infância, ao velho Castel dell'Ovo, onde nascera, ao Castel Nuovo, ao Maschio Angioino, onde crescera, à multidão irrequieta, que lhe atirava beijos, a toda aquela cidade deslumbrante, poeirenta e sublime.

«Obrigada, minha avó», pensava ela, de olhos voltados para a janela onde Maria da Hungria desaparecera instantes antes. «Sem dúvida não voltarei a ver-vos. Obrigada por tudo o que fizestes por mim. Aos vinte e dois anos sentia-me desolada por ainda não ter encontrado marido. Já não tinha esperança de vir a casar-me e preparava-me para entrar num convento. Fostes vós que tivestes razão ao pedirdes-me paciência. E agora vou ser rainha de um reino atravessado por quatro grandes rios e banhado por três mares. O meu primo rei de Inglaterra, a minha tia de Maiorca, o meu parente da Boémia, a minha irmã delfina do Vienne, e mesmo o meu tio Roberto, que reina aqui e de quem até hoje fui súbdita, tornar-se-ão meus vassallos pelas terras que têm em França ou pelos seus laços com a Coroa. Não será tudo isto demasiado pesado para mim?»

Sentia ao mesmo tempo a exaltação da alegria, a angústia do desconhecido e a perturbação de que é tomada a alma com as mudanças irrevogáveis do destino, mesmo quando ultrapassam o que nos mostravam os nossos sonhos.

— O vosso povo mostra que vos ama, senhora — disse um homem corpulento que apareceu ao seu lado. — Mas estou certo de que em breve o povo de França vos amará igualmente e de que bastará olhar-vos para vos oferecer uma recepção semelhante a este adeus.

— Ah! Nunca deixarei de ter em vós um amigo, senhor de Bouville! — respondeu Clemência calorosamente.

Tinha necessidade de espalhar a felicidade à sua volta e de agradecer a todos os que a rodeavam.

O conde de Bouville, enviado do rei Luís X, e que conduzira as negociações, regressara a Nápoles duas semanas antes para vir buscar a princesa e acompanhá-la a França.

— E também vós, senhor Baglioni, sois meu amigo — acrescentou, voltando-se para o jovem toscano que servia de secretário a Bouville e tomava conta dos dinheiros da expedição, emprestados pelos banqueiros italianos.

O jovem inclinou-se para agradecer o cumprimento.

Na verdade, nessa manhã, todos se sentiam felizes. Hugo de Bouville, a transpirar um pouco sob o calor de junho e escondendo atrás das orelhas as mechas de cabelo grisalho, sentia-se alegre e satisfeito por ter cumprido a sua missão e por levar ao rei tão magnífica esposa.

Guccio Baglioni sonhava com a bela Maria de Cressay, a sua noiva secreta, para quem adquirira uma arca cheia de sedas e de adornos bordados. Não estava certo de ter agido bem pedindo ao tio Tolomei que o deixasse dirigir a sucursal do banco em Neauphle-le-Vieux. Deveria contentar-se com estabelecimento tão insignificante?

«Ora, é apenas um começo! Depressa poderei mudar de posição, e passarei a maior parte do tempo em Paris.»

Seguro da proteção da nova soberana, não vislumbrava limites para a sua ascensão. Via já Maria como dama de companhia da rainha e imaginava-se ele próprio, dali a poucos meses, a ser nomeado para um cargo na casa real... Com o punho sobre a adaga, queixo bem erguido, Guccio observava Nápoles estendida à sua frente sob a forte luz do Sol.

Dez galeras escoltaram o navio até ao mar alto. Os napolitanos viram afastar-se e depois diminuir de tamanho aquela fortaleza branca que singrava sobre as águas.

A TEMPESTADE

Poucos dias mais tarde, o *San Giovanni* não passava de uma carcaça só com metade dos mastros, a gemer e a fugir das rajadas, a rebolar entre vagas gigantescas, e que o capitão mantinha com dificuldade no que imaginava ser a direção da costa de França.

Na zona da Córsega, o navio vira-se envolvido por uma daquelas tempestades tão bruscas como violentas que por vezes ocorrem no Mediterrâneo. Perdera seis âncoras a tentar fundear contra o vento ao largo da costa da ilha de Elba, e ia sendo atirado contra os rochedos. E depois retomara o percurso, por entre verdadeiras muralhas de água. Um dia, uma noite e ainda outro dia continuou aquela navegação pelos infernos. Vários marinheiros foram feridos ao tentar arriar o que restava do velame. As vigias do castelo de proa tinham desabado com toda a sua carga de pedras destinadas aos piratas. Foi necessário abrir caminho a golpes de machado para libertar os cavaleiros napolitanos que haviam ficado presos pela queda do mastro grande. Todas as arcas com vestidos e jóias, todas as peças de ourivesaria da princesa tinham sido varridas pelo mar. A enfermaria do cirurgião-barbeiro, no castelo de proa, estava cheia de doentes e de estropiados. O capelão não podia sequer celebrar a sua «missa seca», uma vez que tanto o cibório como o cálice, os livros e os paramentos tinham sido levados por uma vaga^{1*}.

* As notas numeradas reenviam para as Notas históricas no fim do volume, onde o leitor encontrará igualmente a Resenha biográfica das personagens.

Agarrado a um cabo, com o crucifixo na mão, ouvia confissões apressadas e distribuía absolvições.

A agulha de marear já não servia para nada, dado que era sacudida em todas as direções pela pouca água que restava na caixa onde flutuava. O capitão, um latino ardente, rasgara as vestes até ao ventre em sinal de desolação, e todos o ouviam gritar, entre duas ordens:

— Senhor, ajudai-me!

No entanto, parecia conhecer bem o ofício e procurava evitar o pior. Mandara trazer os remos, tão longos e pesados que eram precisos sete homens para os manobrar. De modo a segurar a cana do leme, colocara doze marinheiros, seis de cada lado. Contudo, num momento de mau humor, no início da borrasca, o conde de Bouville chegara a gritar-lhe:

— Ei, mestre marinheiro! É assim que tratais a princesa prometida ao meu rei? O vosso navio deve estar mal carregado para reboarmos desta maneira, e vós não sabeis navegar! Se não vos apressais a mostrar que sabeis fazer melhor, à chegada, apresentarei queixa às autoridades do vosso ofício e vós ireis aprender navegação nos bancos de uma galera...

Mas a sua cólera depressa se desvanecera. O antigo camareiro-mor acabara por vomitar sobre os tapetes do Oriente, imitando nisso, de resto, quase toda a escolta. De rosto pálido, e ensopado da ponta dos cabelos aos dedos dos pés, o pobre gordo, convencido de estar prestes a entregar a alma ao Criador de cada vez que uma vaga levantava o navio, gemia, entre dois soluços, que não voltaria a ver a família e que não pecara assim tanto na vida que merecesse sofrer daquela maneira.

Guccio, pelo contrário, mostrava-se de uma valentia extraordinária. Com a cabeça lúcida e os pés ágeis, tomara a seu cargo a tarefa de acomodar melhor as suas arcas, especialmente as que transportavam dinheiro. Nos momentos de relativa acalmia, corria a levar um copo de água à princesa ou então espalhava essências à volta dela, para disfarçar com isso o mau cheiro resultante da indisposição dos companheiros de viagem.

Há determinado tipo de homens, sobretudo jovens, que se comportam instintivamente de modo a justificar o que esperam deles. São olhados com certo desprezo? Há grande probabilidade de que se comportem de forma desprezível? Pelo contrário, presentem à sua volta

a estima e a confiança dos demais? Nesse caso, ultrapassam-se a si mesmos e, ainda que morram de medo, iguais a todos os outros, comportam-se como heróis. Guccio Baglioni era um desses homens. Dado que dona Clemência tinha uma maneira de tratar as pessoas, pobres ou ricas, grandes senhores ou plebeus, que as honrava, e, além disso, testemunhava uma cortesia especial em relação a este homem, que fora um pouco o mensageiro da sua felicidade, junto dela, Guccio tornava-se um cavaleiro e comportava-se de forma mais orgulhosa do que qualquer um dos fidalgos.

Toscano, e por isso capaz de qualquer proeza para brilhar aos olhos de uma mulher, não deixava de ser banqueiro de alma e coração, e jogava com o destino como outros jogam com os câmbios.

«O perigo oferece a melhor ocasião para nos tornarmos íntimos dos grandes», dizia a si mesmo. «Se nos afundarmos e morrermos todos, não será desfazer-mos em lamentações, como Bouville, que mudará a nossa sorte, mas, se escaparmos, terei conquistado a estima da rainha de França.»

Pensar deste modo num momento de perigo já era uma prova de coragem, mas, nesse verão, Guccio sentia-se invencível: amava e sabia-se amado.

Assegurava assim à princesa, contra todas as indicações, que o tempo começara a levantar e, quando o navio gemia com mais desespero, que se tratava da mais sólida das embarcações, e contava como escapara ileso de uma tempestade mais impressionante sobre o canal da Mancha.

— Fui levar à rainha Isabel uma mensagem do conde de Artois...

A princesa Clemência comportava-se igualmente de forma exemplar. Refugiada no paraíso, uma imensa câmara preparada para os hóspedes reais no castelo de popa, exortava à calma as damas de companhia, que, como um rebanho de borreguinhas assustadas, baliavam e se agarravam às paredes do navio a cada vaga violenta. Clemência não teve uma única palavra para se lamentar quando lhe anunciaram que as suas arcas com as jóias e os vestidos tinham sido lançadas borda fora.

— Teria dado o dobro — disse apenas — para que os nossos bravos marinheiros não tivessem sido atingidos pelo mastro.

Sentia-se menos impressionada pela tempestade do que pelo sinal que aí lia.

«Ora aí está. Este casamento era bom de mais para mim», pensava. «Fui exageradamente dominada pela alegria e pequei por orgulho. Deus vai fazer-me naufragar porque não mereço ser rainha.»

Na quinta manhã da abominável travessia, a princesa, numa altura em que o vento parecia ter acalmado um pouco, embora o mar se mostrasse mais tranquilo, observou o gordo Bouville, descalço, vestido apenas com uma túnica, com os cabelos em desalinho, de joelhos, braços em cruz, na ponte do navio.

— Que fazeis aí, senhor? — gritou-lhe.

— Faça como o nosso rei São Luís, senhora, quando por pouco não naufragou ao largo de Chipre. Prometeu entregar uma naveta de cinco marcos de prata² a São Nicolau de Varengeville se Deus o levasse de volta a França. Foi o senhor de Joinville quem o contou.

— Nesse caso, prometo oferecer outro tanto a São João Batista, que deu o nome ao nosso navio — disse então Clemência. — E se escaparmos e Deus fizer a graça de me dar um filho, chamar-lhe-ei João.

— Mas os nossos reis nunca têm esse nome, senhora — respondeu-lhe Bouville.

— Será Deus a decidir.

Ajoelhou e pôs-se a rezar.

Por volta do meio-dia, a violência da tempestade começou a diminuir e todos sentiram renascer a esperança. A seguir, o Sol rompeu por trás das nuvens. A terra estava à vista. O capitão reconheceu com alegria a costa da Provença e, mais precisamente, quando se aproximaram um pouco, as angras de Cassis. Sentia-se muito orgulhoso de ter sabido manter o navio na sua rota.

— Espero que penseis fundear o mais depressa possível junto daquela costa — disse Bouville.

— É a Marselha que devo conduzir-vos, senhor — respondeu o capitão —, e de resto não estamos longe. Seja como for, já não tenho âncoras que cheguem para fundear junto daqueles rochedos.

Um pouco antes do pôr do Sol, o *San Giovanni*, movido pelos remos, apresentou-se na embocadura do porto de Marselha. Uma embarcação foi lançada ao mar para prevenir as autoridades comunais e para mandar descer a corrente de ferro que fechava a entrada do porto, entre a Torre de Malbert e o Forte de São Nicolau. Pouco depois apresentaram-se no navio o governador, almotacéis e *prud'hommes**, curvados sob o forte mistral, para receber a sobrinha do seu suserano, já que na altura Marselha era uma possessão dos angevinos de Nápoles.

* Membros de um tribunal eletivo composto em número igual de representantes dos assalariados e dos patrões e cujo papel é dirimir os conflitos individuais do trabalho. (*N. do E.*)

No cais, os operários das salinas, os pescadores, os fabricantes de remos e de mastros, os calafates, os cambistas, os mercadores da judiaria, os empregados dos bancos de Génova e de Siena, contemplavam estupefactos o enorme navio sem velas, sem mastro, em evidente mau estado, mas cujos marinheiros dançavam sobre o convés gritando que se tratara de um milagre.

Os cavaleiros napolitanos e as damas de companhia tentavam pôr ordem nas *toilettes*.

O conde de Bouville, que emagrecera vários quilos e parecia dançar na roupa, proclamava aos que o ouviam a eficácia da sua promessa. Parecia achar que todos os que se encontravam a bordo deviam a vida à sua piedosa iniciativa.

— Senhor Hugo de Bouville — disse-lhe Guccio com uma ponta de malícia —, ao que sei, em qualquer tempestade, há sempre alguém que faz pelo menos uma promessa como a vossa. Como explicar nesse caso que tantos navios acabem por se afundar?

— Isso acontece sem dúvida por se encontrar a bordo algum incrêu como vós — respondeu com um sorriso o antigo camareiro-mor.

Guccio foi o primeiro a pôr pé em terra. Quase se atirou da escada, para mostrar a sua coragem e agilidade. No entanto, os que o olhavam depressa o ouviram dar um grito. Ao fim de vários dias sobre um soa-lho movediço, não estava preparado para pôr o pé em terra firme. Escorregou na pedra viscosa e caiu à água. Ia ficando esmagado entre o casco e o cais. Por instantes, a água à sua volta tingiu-se de vermelho. Na queda, fora apanhado por um gancho de ferro. Tiraram-no quase desmaiado, a sangrar, com a coxa rasgada até ao osso. Foi assim transportado ao hospital.